



Vivencial Diverciones: teatro como resistência e performance de gênero ⁵⁵

Rogério Reis dos Santos⁵⁶

Resumo: Neste trabalho, discuto a maneira como um grupo de teatro pernambucano da década de 70, o Vivencial Diverciones, por meio de uma arte marginal, subvertia as performances de gênero e sexualidade da época, ao mesmo tempo que fazia críticas à ditadura civil militar e aos movimentos de esquerda. Através de uma narrativa da história do grupo, farei uma breve análise dos espetáculos, montados sobretudo à partir das vivências do grupo.

Palavras-chave: Teatro. Subversão. Resistência.

Resumo expandido

Ao escrever sobre resistência de lgbt's durante a ditadura, tive contato com o Vivencial Diverciones e tive acesso a fontes e documentos que extrapolavam os limites da minha pesquisa central. Paralelo a isso, percebi que a bibliografia recente pouco falava do grupo e, mesmo este pouco, quase sempre não fazia uma análise pelo viés do gênero e da sexualidade.

A partir dos dados que levantei, construí uma narrativa, escrita no presente, mas que se refere ao tempo passado, no caso, o período de existência do grupo. Fiz uso da narratologia, ou teoria da narrativa, e assim expus não só a história do grupo, mas também pude fazer uma breve análise da construção da estética do mesmo, tendo em vista que “as narrativas só existem em contexto e para cumprir certas finalidades sociais e culturais muito claras, não podem ser analisadas isoladamente sob pena de perderem o seu objeto determinante” (MOTTA, 2005, p.10).

O grupo nasceu dentro da igreja católica. A Arquidiocese de Olinda e Recife tinha um trabalho pastoral com a juventude, na Associação dos Rapazes e Moças do Amparo (Arma), onde, através do teatro, os jovens eram provocados a refletir sobre suas realidades. Segundo TREVISAN (2007), o trabalho era voltado para quem viviam do “trotóá”⁵⁷ na região. Em 1974, quando a associação completou dez anos, Guilherme Coelho, diretor do grupo e então postulante a monge beneditino, montou o espetáculo *Vivencial I*, estruturado em quadros baseado no improviso e em textos famosos de

⁵⁵ Trabalho apresentado ao III SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

⁵⁶ Mestre em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília. E-mail: rogerioreisadvogado@gmail.com

⁵⁷ Termo que fazia referência à prostituição de rua, deriva da palavra *trottoir*, calçada em francês.



dramaturgos, filósofos e jornalistas, abordando temas como: homossexualidades, violência, droga, política, tecnologia e massificação.

Apesar do encantamento que o espetáculo causou, a polêmica levantada fez com que os monges rompessem com o grupo. Independentemente, o grupo se constituiu enquanto pessoa jurídica e assim nasce o Grupo de Teatro Vivencial Diversiones. O grupo passou a circular pelos teatros de Recife e atraiu a atenção dos intelectuais locais, o que deu visibilidade ao grupo.

Para driblar da censura, o grupo não cobrava ingresso pelos espetáculos, sempre lotados. O dinheiro vinha de doações da plateia e da venda do programa da peça, que trazia a mensagem do grupo:

Caros caras:

Não sou anormal. Somos. Logo, não somos. É diferente. Um anormal é anormal. Dois anormais são normais. Tanto mais se unidos. Muito poucos fazem muito. De minoria em minoria, a maioria enfia a viola no saco, e a violação no cu. (VIVENCIAL DIVERCIONES, 1979, apud BARBOSA, 2009, p. 227)

No palco, o que era apresentado pelo Vivencial era baseado na subjetividade de seus integrantes, os quais viam no teatro uma forma de externalizar seu gênero e sua sexualidade que destoavam do padrão hegemônico. A matéria prima para os figurinos e elementos cênicos vinha do lixo.

Esse recriar do lixo vai constituir-se também numa marca do grupo: sucatas, roupas doadas, restos de maquiagem..., e não apenas por uma questão de poucos recursos; havia também uma proposta de trabalhar esse material esteticamente, assumida por todo o grupo. (BARBOSA, 2009, p. 226)

Os textos, por sua vez, eram quase sempre fruto da junção de vários fragmentos por meio de trabalho coletivo. Nudez, drogas, prostituição, homossexualidades e política eram elementos recorrentes e se misturavam no que Trevisan chamou de “um verdadeiro discurso sexo-político” e ainda exemplificou: “Eu sou da Ó-posição, mas Ó-posição incômoda, porque a oposição neste país já faz parte da situação”. (LAMPÃO DA ESQUINA, n.º 18, 1979)

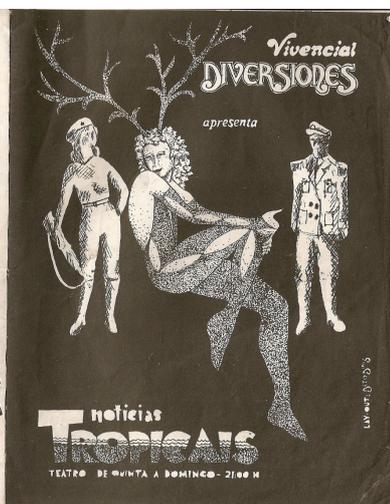
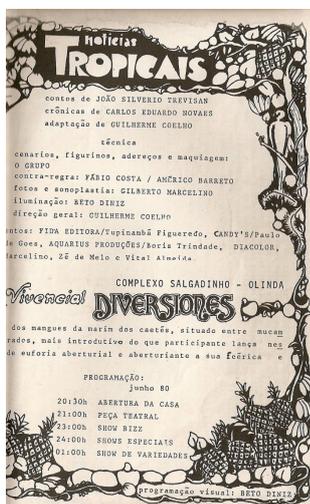
Ninguém ganhava salário. O dinheiro era todo guardado para ser investido no grupo e na compra de uma sede. Os patrocínios conseguidos do então Serviço Nacional de Teatro (STN) para as peças *Sobrados e Mocambos* em 1976, *Viúva, porém Honesta* em 1977 e *Repúblicas Independentes, Darling* em 1978, ajudaram a tornar possível a compra de um terreno numa região de mangue na periferia de Olinda e lá ergueram o Café Teatro Vivencial Diversiones, aberto em 1979 e se tornou não só no lugar de trabalho, mas também a casa daquelas bichas.



O Café vivia lotado e, inclusive, com lista de espera. Infelizmente foi justamente o sucesso que levou ao fim do grupo, a fama trouxe consigo as brigas e logo no início dos anos 1980 o grupo se desfez. As “vivecas”, como eram chamadas, seguiram suas carreiras solas, mas sem abandonar o estilo.

O Vivencial Diversiones deixou sua marca na história do teatro pernambucano por mostrar novas formas de se fazer teatro, sobretudo a partir do lixo e assumindo isso como estética do grupo. Muito também fez pelo então Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), quando transformou as homossexualidades em alavanca criativa de seus espetáculos.





Fotos: Vivencial Diverciones
 Fonte: FARACHE, 2016

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Lúcia Machado. **A modernidade no teatro [ali e aqui]** reflexos estilhaçados. Recife: Ed. Do Autor, 2009.

FARACHE, Ana. **Vivencial: imagens do afeto em tempos de ousadia**. Recife: Ed. Massangana, 2016.

Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, n. 18, ano 2, 1979.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.